



Ingresso da criança no berçário: o processo adaptativo da díade mãe-bebê

Child's admission to nursery: the adaptive process of mother-baby dyad

Júlia Perrusi Alves BRANDÃO¹
Mona Lisa Veríssimo Silva de ARAÚJO²
Fernanda Wanderley Correia de ANDRADE³

Resumo: Diante do atual contexto sócio-histórico no qual as mulheres precisam (e desejam) retornar às suas atividades profissionais pouco tempo após o nascimento do bebê, o presente artigo visa analisar, com base na teoria psicanalítica (dando ênfase às contribuições de John Bowlby e Donald Winnicott), o processo adaptativo do bebê, ainda nos seus dois primeiros anos de vida, frente ao ingresso em um berçário de uma creche municipal localizada na cidade do Recife. Avalia-se, em particular, as influências das relações estabelecidas pela díade mãe-bebê neste processo adaptativo, bem como os novos vínculos que serão formados entre os infantes e seus novos cuidadores temporários. Discute-se, ainda, as defesas utilizadas pelas díades mãe-bebê nesse novo contexto potencialmente ameaçador e os sinais de possíveis sofrimentos psíquicos por eles expressados. Para isso, em termos metodológicos da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com (03) três mães e (13) treze visitas para observação no berçário. Por fim, concluiu-se que as sensações de angústia e insegurança estão presentes nos bebês nos momentos iniciais de adaptação ao berçário e expressas através do brincar, da recusa ou aceitação da alimentação, dos padrões de sono, da forma como se despedem e reencontram suas mães e como estabelecem as relações com os novos cuidadores. Inclusive, que essas reações dos bebês frente ao novo ambiente variam de acordo com as relações anteriormente estabelecidas com a mãe e de como ela faz essa entrega do filho à creche, levando em consideração os seus próprios sentimentos e mecanismos defensivos, bem como a importância da sensibilidade das cuidadoras no sentido de captar as sutis mensagens expressas pelos bebês.

Palavras-chave: Apego. Berçário. Vínculo. Separação. Psicanálise.

Abstract: Given the current socio-historical context where women need (and wish to) return to their professional activities shortly after the birth of the baby, this article aims to analyze, based on the psychoanalytic theory (emphasizing the contributions of John Bowlby and Donald Winnicott), the adaptive process of the baby, even in the first two years of life, before entering a nursery of a municipal nursery located in the city of Recife. In particular, the influences of the relations established by the mother-baby dyad in this adaptive process, as well as the new bonds that will be formed between the infants and their new temporary caregivers, are evaluated. It also discusses the defenses used by the mother-baby dyads in this potentially threatening new context and the signs of possible psychic suffering expressed by them. For this, in methodological terms of the research, semi structured interviews with (03) three mothers and (13) thirteen visits for observation in the nursery were conducted. Finally, it was concluded that the sensation of anguish and insecurity are present

<https://dx.doi.org.10.24024/2357-9897v27n2a2018p35053>

¹ Graduanda do Curso de Psicologia | FAFIRE | E-mail: juperrusi@gmail.com

² Graduanda do Curso de Psicologia | FAFIRE | E-mail: monaverissimo@gmail.com

³ Doutora em Psicologia Cognitiva | UFPE | Professora do curso de Psicologia | FAFIRE | Orientadora da pesquisa E-mail: fernandawandrade@gmail.com

in infants at the initial moments of adaptation to the nursery and expressed through play, refusal or acceptance of food, sleep patterns, the way in which they say goodbye and rediscover their mothers and how they establish relationships with new caregivers. In addition, these reactions of the babies to the new environment vary according to the relationships previously established with the mother and how she does this delivery of the child to day care, taking into account her own feelings and defensive mechanisms, as well as the importance of the sensitivity of the caregivers in the sense of capturing the subtle messages expressed by the babies.

Keywords: Attachment. Nursery. Bond. Separation. Psychoanalysis.

Introdução

A inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil teve seu auge entre as décadas de 60 e 70. As mulheres da classe média e baixa renda entraram no mercado de trabalho para aumentar a renda familiar, que, mesmo assim, em vários casos, não era suficiente. Essa mudança teve como uma das principais influências o Movimento Feminista da década de 1960 que, além de desmistificar os papéis de gênero destinados a homens e mulheres, questionou a participação da mulher em diversos segmentos, como: na vida social, sexualidade, divisão sexual do trabalho público e doméstico, entre outras (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Por causa dessa participação feminina na economia e a sua dedicação não integral ao ambiente familiar e doméstico, surgiu a necessidade da utilização de métodos alternativos para o cuidado diário dos filhos. Assim, os berçários foram criados, com o intuito de dar suporte à mulher nessa nova configuração social (CATALDI, 1992).

Os berçários primordialmente atendiam famílias de baixa renda. Entretanto, hoje em dia, essa realidade mudou bastante. Atualmente, as famílias de várias classes sociais são usuárias desse tipo de instituição. Outras mudanças ocorreram em termos dos serviços prestados, posto que, enquanto oferecidos, eram apenas cuidados às necessidades básicas da criança (alimentação, higiene, segurança física); hoje, além desses cuidados primários, há também a realização de atividades educativas (OLIVEIRA *et al.*, 1992).

Legalmente, a Constituição Brasileira de 1988 reconheceu os berçários como instituições educativas, sendo um direito da criança, opção da família e um dever do Estado. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional definiu a educação infantil como primeira etapa da educação básica, ressaltando sua indispensabilidade. O berçário está inserido nessa etapa inicial de educação, indo sua função além dos cuidados nutricionais e físicos para também o atendimento educacional (RAPOPORT; PICCININI, 2001; SENADO FEDERAL - SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS, 2007).

A entrada do bebê na creche é algo que ainda precisa de muita atenção dos profissionais de diversas áreas. Essa separação diária da criança com relação à sua mãe necessita de uma reflexão mais minuciosa, já que se trata de crianças muito pequenas, e as consequências negativas para o seu desenvolvimento devem ser identificadas para que os impactos não saudáveis sejam evitados ou, pelo menos, reduzidos. Por isso a temática desta

pesquisa é de extrema relevância, já que o retorno das mães para o trabalho e o ingresso das crianças nos berçários é algo atual e presente no cotidiano brasileiro.

A partir disso, é de fundamental importância a realização de estudos e pesquisas que visem à reflexão sobre os impasses maternos diante da separação precoce de seu filho, bem como as estratégias utilizadas pela criança no seu processo de adaptação a essa situação de ingresso no berçário, além de analisar a relevância da figura do cuidador no berçário, no processo adaptativo das crianças.

Diante desse contexto, o artigo investiga, por meio de uma pesquisa teórico-prática, o processo adaptativo de crianças que se encontram nos dois primeiros anos de vida, frente ao ingresso em instituições denominadas de berçário/creche, passando, nesse momento, aos cuidados de profissionais e submetendo-se a regras e rotinas institucionais, quando suas mães precisam voltar às atividades laborais após o término da licença maternidade. Tomamos, para isso, como base teórica, a teoria do apego de Bowlby e a das relações objetivas de Winnicott.

A teoria do apego de Bowlby e as repercussões da separação precoce entre mãe-bebê

A teoria do apego, desenvolvida por John Bowlby (psiquiatra infantil e psicanalista), aborda uma nova perspectiva sobre o vínculo mãe-bebê, enfatizando o comportamento da criança em relação à sua figura de apego e, inclusive, a sua participação na construção do mesmo. Assim, para o autor: “Dizer que uma criança é apegada ou tem apego por alguém, significa que ela está fortemente disposta a buscar proximidade e contato com uma figura específica, principalmente quando está assustada, cansada ou doente” (BOWLBY, 1990, p. 396).

Um bebê de três meses já responde à presença de sua mãe de um modo diferente, em comparação a outras pessoas, através de sorrisos e vocalizações, demonstrando sua clara capacidade de discriminação perceptual. No entanto, não se pode dizer que o comportamento de apego está presente, até que o bebê demonstre não apenas reconhecer sua mãe, mas também buscar com ela proximidade. Tal comportamento torna-se mais explícito e consolidado ao avançar dos seis para os nove meses, quando podem ser observadas reações mais vigorosas e regulares de choro e protesto na saída da mãe do seu campo de visão, bem como de vocalizações, sorrisos, agitações nos braços e gorjeios de prazer no reencontro com ela. Assim, para o autor: “Nenhuma forma de comportamento é acompanhada por sentimento mais forte do que o comportamento de apego. As figuras para as quais ele é dirigido são amadas, e a chegada delas é saudada com alegria” (BOWLBY, op. cit., p. 224).

Portanto, definindo o comportamento de apego, é possível dizer que ele engloba as ações efetivadas pela criança, com o objetivo de manter a proximidade com sua figura de apego, tais como: chorar, agarrar, sorrir, olhar, ou qualquer outro comportamento que vise seduzir ou manter a proximidade entre ela e sua figura de apego, que, neste caso, chamaremos de mãe e/ou cuidadora.

Influenciado pela etologia, Bowlby (1990) relacionou essa predisposição inata de busca pela proximidade física entre o bebê e sua figura materna à origem evolucionária de sobrevivência e adaptação ao meio ambiente. É lógico imaginar que um macaco filhote que permanece próximo de sua mãe, ou dos demais adultos da sua capela, tem mais chances de sobreviver ao se aventurar pela selva do que um filhote solitário.

É importante salientar que o bebê nasce com uma predisposição biológica de apegar-se. No entanto, a efetivação desse apego, bem como seu tipo específico (seguro ou inseguro), dependerá da relação de mútua influência entre os comportamentos da díade mãe-bebê e de todas as emoções que permeiam esse processo.

Sendo assim, o aspecto emocional e os cuidados apresentados pela principal figura de apego, normalmente a mãe, constituem-se, como explanado por Bowlby (op. cit.), como pontos centrais na construção diária do desenvolvimento emocional e social da criança (e nisso incluem-se as relações de apego).

Não se deve, no entanto, perder de vista o aspecto ativo do bebê, ou seja, sua enorme influência no processo, o que aponta para uma concepção bidirecional da formação destas relações.

Assim, nas palavras de Bowlby,

Uma característica do comportamento de apego que me impressionou especialmente foi o grau em que a própria criança toma a iniciativa de procurar uma interação. A partir dos dois meses em diante, pelo menos, e crescentemente ao longo do primeiro ano de vida, esses bebês se mostravam menos passivos e receptivos e mais ativos na busca de interação (AINS-WORTH et al apud BOWLBY, 1990, p. 218).

O bebê seleciona suas figuras de apego, e estabelece com elas relações, através de certas variáveis, apresentadas pela figura materna, identificadas como cruciais na criação do tipo específico de apego que emerge daquela dupla. São elas: a alimentação, a dedicação dispensada pelo cuidador, a presteza com que o cuidador atende seu choro e a sua iniciativa de interagir socialmente com ele (GURGEL, 2012). Dessa forma, dependendo da sensibilidade e responsividade da figura cuidadora às demandas físicas e emocionais do bebê, um verdadeiro vínculo se forma, marcado por um tipo específico de apego, que tende a afetar o estilo do indivíduo a formar outros vínculos ao longo de sua vida.

Quando uma relação de apego seguro é estabelecida entre a díade mãe-bebê, a mãe, ou principal figura de apego, poderá atuar como uma base segura que facilita a exploração do mundo externo por parte da criança, ao mesmo tempo em que atua como um porto seguro para o qual a criança pode direcionar-se sempre que julgar necessário.

Para Bowlby (1990), o apego é um tipo de vínculo em que a segurança de alguém, (nesse caso, o bebê) está absolutamente ligada à presença de sua figura de apego (mãe ou quem exerça a função materna). O conforto e a segurança que essa presença garantem são o alicerce para a “base segura” que permite ao bebê explorar o resto do mundo, voltando à base, quando necessário (BOWLBY, 1998).

Em síntese, segundo o autor,

Uma criança comporta-se de maneiras muito diferentes na presença da mãe ou na ausência dela, e essa diferença é especialmente acentuada se a criança se encontrar diante de uma pessoa estranha ou em um lugar estranho. Com a mãe presente, a maioria das crianças mostra-se claramente mais confiante e disposta a realizar explorações; na ausência dela, mostram-se muito mais tímidas e não raras vezes entregam-se a uma profunda aflição (BOWLBY, 1990, p. 224).

Ao se deparar, por exemplo, com uma situação de potencial perigo, a criança seguramente apegada tende a estabelecer um contato com sua figura de apego, para novamente sentir-se confiante e capaz de retornar às suas atividades exploratórias. Dessa forma, torna-se evidente a relação de três fatores: o apego estabelecido entre os bebês e suas mães, sua autoconfiança/confiança no mundo, e quão bem ou mal-sucedidos serão estes bebês em seus processos de adaptação às exigências do meio.

Foram estabelecidos alguns tipos de apego, além do apego seguro descrito acima. Para Ainsworth *et al.* (1978), existem padrões no apego presente nos bebês denominados pela autora de padrões A, B e C, classificação essa que deriva do desempenho da criança no procedimento da situação estranha. No Padrão A, estão presentes aqueles bebês ansiosamente apegados à mãe e esquivos. São as crianças que evitam a mãe, principalmente após a segunda ausência breve. Muitos tratam outras pessoas mais amigavelmente do que a própria mãe. O Padrão B caracteriza-se pela presença de crianças ativas em brincadeiras e que, quando afligidas por uma separação curta, buscam ser confortadas pela figura principal de apego, rapidamente retornando à brincadeira. Esses são os bebês classificados como seguramente apegados à mãe. E no Padrão C, são aqueles bebês que oscilam entre querer ter o contato com a mãe e a resistência em ter essa interação; são os classificados como ansiosamente apegados à mãe e resistentes (AINSWORTH *et al.*, op. cit.).

Além disso, estudos mostram que o padrão de apego apresentado pelo bebê tem influência nas suas relações sociais. Bebês classificados como seguramente apegados (Padrão B), em uma situação de brincadeira, conseguem brincar mais, prestar mais atenção na brincadeira realizada, aproveitam mais o momento, também são mais cooperativos, conseguindo demonstrar mais empatia e compaixão com as demais crianças. Além disso, são crianças mais socialmente competentes, mais simpáticas e mais curiosas (AINSWORTH *et al. apud* BOWLBY, 1990).

Já os bebês ansiosamente apegados (Padrões A e C) não conseguem essa independência de brincar longe da mãe e, caso haja a vontade de participar da brincadeira, isso é feito de forma passiva, em um curto tempo, e sempre mantendo contato com a mãe. Os bebês do grupo A são mais raivosos, raiva essa mais dirigida a objetos do que à mãe. Não se sentem confortáveis quando tocados ou carregados no colo, mas, quando postos ao chão, desejam retornar ao colo prontamente. As crianças do grupo C demonstram resistência e raiva quando alguém tenta integrá-las às brincadeiras e, quando brincam, são passivos (AINSWORTH *et al. apud* BOWLBY, op. cit.).

Segundo Bowlby (1990), as separações graves no começo da vida deixam cicatrizes emocionais, como: a dificuldade de criar confiança, segurança, adquirir a convicção de que

durante a vida encontrará e merecerá encontrar pessoas que satisfaçam as necessidades. Então, quando os primeiros vínculos são instáveis ou defeituosos, essa experiência pode ser transferida para aquilo que é esperado dos amigos, dos filhos, entre outros.

As consequências de uma separação traumática podem gerar o constante temor da separação na vida adulta, o que Bowlby (op. cit.) chama de conexões iradas e ansiosas. E, com frequência, a pessoa provoca aquilo que teme. Afasta as pessoas que ama com sua dependência incômoda, com suas exigências excessivas, sendo assim uma nova forma de reviver o passado esquecido, a angústia da separação. É preciso atentar-se para os processos emocionais que as mães podem, possivelmente, projetar nessa nova situação de separação, revivendo suas próprias separações traumáticas, contribuindo para uma adaptação mais traumática para o bebê e para ela mesma.

Segundo Bowlby (1998), existem duas condições capazes de diminuir a intensidade da reação das crianças frente à separação de sua figura de apego principal. São elas: a presença de outra pessoa conhecida da criança ou objeto familiar, e os cuidados maternos de uma figura que atue como mãe substituta.

Em suas observações, Heinicke e Westheimer (1966) concluíram que as angústias sentidas pelas crianças em situação de separação, ao ingressar na creche, por exemplo, são notadamente diminuídas quando em companhia de um irmão, mesmo sendo esse de idade similar ou até mais novo, assim como objetos inanimados, um brinquedo preferido ou roupa podem, também, atuar como fonte de conforto.

Sobre os cuidados da possível mãe substituta, foi constatado que, a depender da idade da criança e da sensibilidade da nova cuidadora, a duração do período de perturbação sentido pela criança pode ser agravada ou diminuída. Ao falar em sensibilidade, Bowlby (1998) refere-se à capacidade de essa nova figura ajustar-se ao comportamento da criança aflita, que, por vezes, virá permeado de rejeição.

Em síntese, segundo tal autor,

Vários estudos não-sistemáticos, porém, levam a concluir que a criança tem medo da estranha, no início, rejeitando suas tentativas de lhe dar carinhos maternos. Subsequentemente, a criança manifesta comportamento conflitante, procura conforto junto dela, mas rejeita-a, por ser estranha. Apenas depois de alguns dias ou de algumas semanas a criança habitua-se ao novo relacionamento (BOWLBY, op. cit., p. 17).

Conforme citado anteriormente, em estudos realizados por Schaffer e Emerson (*apud* BOWLBY, 1990), um alto número de bebês, mais precisamente 29% dos observados, dirigiram o comportamento de apego para mais de uma figura, pouco tempo após o terem manifestado com a figura principal. Foi observado, também, que quatro meses depois, mais da metade dos bebês tinham mais de uma figura de apego e alguns deles chegavam a ter cinco ou mais. Os estudos realizados por Ainsworth (1963 e 1967) demonstraram resultado semelhante. As crianças gandas, com exceção de uma pequena minoria, demonstraram possuir múltiplas figuras de apego, a partir dos nove meses de idade.

No entanto, é importante salientar que apesar de haver uma certa pluralidade de figuras de apego para as crianças, nem todas são tratadas de maneira equivalente, demonstrando uma clara capacidade, por parte delas, de hierarquizar as figuras presentes em sua vida. Outro dado importante demonstrou que possuem uma tendência a buscar determinadas figuras, a depender do seu humor ou necessidade a ser suprida.

É evidente que a figura que a criança procura para brincar, denominado por Bowlby (op. cit.) como companheiro de brinquedo, e a figura procurada quando a criança está cansada, alarmada ou com fome (figura de apego) possuem papéis distintos, mas não incompatíveis. Dessa forma, podem ser preenchidos pela mesma pessoa, ou seja, a mãe, principal figura de apego, e podem, ocasionalmente, atuar como companheiro de brinquedo, enquanto que outra pessoa, como uma criança mais velha, por exemplo, também pode, às vezes, atuar como figura subsidiária de apego.

A teoria do desenvolvimento emocional do ser humano de Winnicott e a importância de um ambiente facilitador

Winnicott (1977) aponta que um bebê não existe sozinho, sendo parte de um relacionamento. Portanto, ao se falar de um bebê, é necessário falar, também, de alguém que cuida dele. Durante esse processo, o “sentimento de continuidade do ser” resulta e depende da fusão/simbiose da mãe (ou de quem exerça a função materna) com o seu bebê. Esse, por sua vez, não sabe disso, visto que compreende que ele, a mãe e o meio, são como uma coisa só.

A totalidade do relacionamento deste novo indivíduo com o mundo real se baseia na forma como as coisas se iniciam, e no padrão que se desenvolve gradualmente, de acordo com a experiência que faz parte deste relacionamento humano entre o bebê e mãe (WINNICOTT, 2006).

Com o transitar pelos três estágios do desenvolvimento emocional, a saber, a dependência absoluta, a dependência relativa e o rumo à independência, o ser humano caminha em seu processo de individuação. Isso ocorre, caso sua mãe seja suficientemente boa para oferecê-lo, ainda bebê, fragmentos tão segmentados do mundo quanto ele for capaz de assimilar, assegurando-lhe que tenha e sinta uma forma contínua e segura de existir (WINNICOTT, 1983).

Dessa forma, conclui-se que a mãe é como um filtro, ela lhe apresenta o mundo, de forma que ele possa compreendê-lo e atribuí-lo sentido. O bebê, então, constrói-se na relação com o outro (figura materna), e esse outro fornece sentido aos atos do bebê, através de seus próprios significados (AULAGNIER, 1994).

De acordo com Winnicott (1985), o rosto da mãe funciona como um espelho para o bebê, ou seja, ele adquire a capacidade de fazer uma leitura do rosto materno e internalizar as emoções ali expressas como suas próprias. Dessa forma, torna-se clara a influência das emoções maternas no processo adaptativo do bebê no berçário, que podem ser um fator positivo, quando

falamos de uma mãe suficientemente boa, ou negativo, quando as emoções maternas atuam como um fator de estresse para ele, que as absorve, sentindo-as como sendo suas.

Tem-se que a mãe e o ambiente mais amplo precisam ser suficientemente bons, para que ocorra uma formação emocional saudável do bebê. Winnicott (2006) relata que uma deficiência nas relações objetais é um fator extremamente prejudicial, com difíceis consequências emocionais

Caso a mãe não seja suficientemente boa, e não haja uma forma de remediação disso, a criança pode ter a sua subjetividade comprometida. Uma mãe suficientemente boa proporciona a saída da criança de um estado de dependência absoluta para o contato com novas experiências e ambientes.

Esse processo é claramente identificado no momento de inserção da criança em um berçário. Se a mãe se sente segura em deixar o seu filho naquele local, ele se sentirá mais confortável em estar ali. Caso contrário, essa ruptura de ligação com a mãe se torna mais ameaçadora. Seria função ideal do berçário identificar esses casos, de forma a acolher ainda mais a mãe e a criança, objetivando diminuir o potencial traumático da separação.

Alguns bebês reagem melhor em uma situação de afastamento da mãe, já outros têm dificuldades de superá-la. Essas diferenças estão relacionadas com as situações de cuidado e afeto que foram oferecidas às crianças na ausência de sua genitora, bem como a relação e o tipo de apego previamente estabelecida entre o bebê e sua mãe (WINNICOTT, op. cit.)

Como dito, a mãe, ou quem exerça a função materna, é quem faz a conexão do bebê com o mundo externo. Na medida em que a mãe se afasta do bebê, pondo-o em maior contato com outras pessoas e situações, surgem os objetos transicionais, que nada mais são do que a representação simbólica da diade. Esses objetos facilitam o afastamento da dupla, ajudando na descoberta, pela própria criança, da sua subjetividade e do mundo que a cerca (WINNICOTT, 1985). Em um berçário, esses objetos são facilmente identificados: brinquedos preferidos, fralda ou paninho, travesseiro, etc.

Winnicott (1975) enfatiza o brincar como uma experiência criativa na continuidade espaço-tempo, ressaltando que o brincar por si só já é uma psicoterapia, e frisa que adultos devem estar disponíveis e atentos ao brincar, sem necessariamente ingressar no processo. Tal qual a personalidade do adulto, que se desenvolve através de suas experiências de vida, os infantes evoluem através de suas próprias brincadeiras e intervenções feitas pelas demais crianças ou adultos.

A brincadeira infantil é fundamentalmente importante no processo de unificação e integração geral da personalidade. Isso significa que ela funciona como uma ligação entre a relação da criança com o mundo interior, e com a realidade externa ou compartilhada (WINNICOTT, 1977). “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (WINNICOTT, 1975, p. 80).

Metodologia

Visando esclarecer melhor a temática das relações objetais e a problemática da separação precoce da criança em relação à sua mãe, foi realizado um levantamento bibliográfico tomando por referência a Psicanálise, levando em consideração estudos de Bowlby e Winnicott.

Foi realizada uma pesquisa teórico-prática, de abordagem qualitativa e exploratória. O local escolhido foi uma creche pública, de horário integral, na cidade do Recife. Para participantes da pesquisa, foram selecionadas três duplas (mãe-bebê), sendo os bebês com faixa etária entre 8 meses e 1 ano e dois meses, e com um período de adaptação à creche entre 1 mês e 8 meses.

Inicialmente, como procedimento padrão, foram apresentados e entregues para todas as mães participantes e para a coordenação da Instituição o Ofício Institucional e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a finalidade de regulamentação e autorização da análise dos dados fornecidos.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as três (03) mães, para identificar as suas condições psicológicas e os fatores familiares e sociais que as motivaram a tomar a decisão de colocar os seus (suas) filhos (as) no berçário, como também investigar se houve alguma mudança no comportamento dos bebês, depois do ingresso na creche, além de descobrir como foi o processo inicial de adaptação das crianças no berçário, tanto para os bebês, como para mães.

Durante os meses de julho e agosto de 2016, foram realizadas 13 (treze) visitas ao berçário, das 7h às 17h, para que houvesse uma observação do momento da chegada do bebê até o reencontro com a mãe no final do dia. Após o intervalo de 2/3 mês, ou seja, em outubro de 2016, voltou-se à creche para realizar mais 03 (três) visitas, com o objetivo de verificar possíveis mudanças comportamentais nos bebês com o passar do tempo.

Diante da realidade das instituições públicas, ficou inviável a observação não participativa durante a pesquisa, visto que, em todo momento das visitas, as pesquisadoras estavam inseridas junto com os bebês, acompanhando todas as atividades realizadas por eles e, sobretudo, sendo convocadas a participar delas.

As observações eram focadas em sete tópicos: a separação entre a mãe e a criança, o brincar, a interação social, a alimentação, a dormida, o papel do cuidador, o reencontro da criança com a mãe. Tudo o que era observado era anotado e, posteriormente, comparado com as observações de ambas as pesquisadoras.

Após a coleta de dados, os resultados observados e as entrevistas semiestruturadas foram organizados e classificados, tomando como referência os tópicos elencados acima e analisados conforme as contribuições teóricas de Bowlby e Winnicott.

Análise e discussão dos resultados

É importante dizer que essas (03) três crianças observadas chegam no berçário/ creche após a finalização da licença maternidade da mãe, em torno dos (06) meses de vida, quando, segundo Winnicott (1975), encontram-se na fase da dependência relativa. Neste período, a criança se mostra mais preparada psiquicamente para enfrentar as paulatinas desilusões, visto que a sua mãe (ou quem exerce tal função materna) não se encontra mais em uma atitude de adaptação absoluta às suas necessidades, permitindo-lhe a diferenciação entre EU e Não-EU. A mãe começa a empreender um tempo maior entre as demandas da criança e o seu atendimento, por voltar a se interessar por outras atividades de suas vidas, inclusive retornando ao trabalho.

É justamente nesta fase do desenvolvimento do apego que os bebês passam a ser cada vez mais discriminatórios no seu modo de tratar as pessoas, diminuindo as respostas amistosas a estranhos, seguindo a mãe, quando ela se afasta, e recebendo-a efusivamente em seu retorno. Por consequência, é também nessa fase que algumas figuras são eleitas pelo bebê como figuras subsidiárias de apego (papel que pode ser desempenhado pelas cuidadoras do berçário), e os estranhos tendem a ser tratados com cautela, normalmente provocando uma reação de alarme e retraimento por parte deles.

Dessa forma, os dois teóricos acima citados, apesar de divergirem quanto à sua abordagem ou foco principal de estudo, concordam que, por volta dos 6 meses, momento em que ocorre a primeira separação, oriunda da entrada do bebê na creche, os vínculos emocionais entre a díade mãe-bebê normalmente já foram estabelecidos e firmados. Bowlby (1982) explica que a característica essencial da vinculação afetiva é a tendência, por parte dos dois parceiros, a manterem-se próximos um do outro, e quando, por qualquer razão, se separam, não demoram a procurar um ao outro, em uma tentativa de reatar a proximidade.

Usualmente é muito difícil para essas mães (e, claro, para os seus filhos) retornarem ao trabalho, enfrentando um turbilhão de sentimentos ambivalentes, tendo que confiar em uma instituição para os cuidados básicos de seus filhos e, inclusive, lidar com as reações de insegurança e desamparo deles, por estarem longe da figura de apego e por terem que se adaptar a pessoas estranhas ao seu convívio.

Nessa situação, é importante levar em consideração as condições psicológicas da mãe/ principal cuidadora, advindas da separação temporária de seu bebê, quando do seu ingresso no berçário/creche, que refletem o tipo de cuidado que ela estabelece com seu(-sua) filho(a), a sua capacidade de delegar ao outro o exercício de sua função materna, bem como a sua confiança nas competências relacionais de seu bebê. Além disso, do lado do bebê, deve-se considerar a maneira como ele lida com a ansiedade de separação, dependendo das condições psicológicas da mãe/ principal cuidadora, encontrando estratégias adaptativas como defesa diante desta possível “situação-ameaça”.

Dentre tais estratégias adaptativas, verificar como ocorre o investimento libidinal da criança nas cuidadoras da instituição, no sentido de amenizar ou minimizar, de maneira significativa, a ansiedade de separação em relação à mãe, bem como se tem a tendência de repetir/reproduzir com elas os padrões de comportamento estabelecidos pela díade mãe-bebê. Mais ainda, deve-se também considerar a disponibilidade dos profissionais da instituição, no sentido de perceberem a importância de sua função simbólica frente a tais bebês, sendo, muitas vezes, necessária a utilização de estratégias para ajudar a criança nesse momento delicado de separação precoce da mãe.

Criança A

No período da primeira observação, a criança tinha 11 meses e, na última, 1 ano e um mês. Já estava na creche há cinco meses na primeira observação, tendo 6 meses de idade quando entrou na Instituição. É filha única. A mãe relatou que escolheu inscrever a criança no berçário por ter que trabalhar e necessitar de um local para cuidar da criança, e por sentir-se segura com a qualidade dos serviços oferecidos no berçário.

No período da primeira observação, o momento de chegada à creche é muito importante para a díade mãe-bebê, visto que anuncia a separação entre ambas. Particularmente, no que diz respeito a essa criança, o primeiro mês foi um período muito difícil para a díade mãe-bebê, sendo preciso que a mãe permanecesse na creche e, mesmo em casa, a criança se mostrava insegura, exigindo constantemente a atenção da genitora. Passado esse momento crítico de adaptação, durante o período de observação desta pesquisa, a mãe do bebê A demonstrava querer que a filha ficasse bem naquele espaço, suportando de uma forma mais tranquila a sua ausência e, para isso, fazia a mediação da filha com o ambiente e as pessoas, dando “bom-dia” aos objetos e a inserindo na roda de crianças e cuidadoras.

Entretanto, ao preferir sair escondida da criança, sem lhe oferecer palavras que delinhassem a situação de separação, ainda após um período de cinco meses de frequência à Instituição, e já detectando um avanço considerável de adaptação da criança ao ambiente, a mãe parece revelar a sua preocupação em ver o desamparo de sua filha, bem como possivelmente a sua própria ansiedade de separação frente à ela, retratando, possivelmente, que a sua identidade não se resume à condição de mãe. Segundo Winnicott (1975), a mãe (ou parte dela) está constantemente oscilando entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar, e (alternativamente) ser ela própria, aguardando ser encontrada. Dessa forma, pode-se inferir uma possível ansiedade por parte da mãe, quanto à retomada de antigos papéis (profissionais, sociais, etc.), bem como à elaboração de novos papéis que precisam ser criados.

O momento de reencontro da díade mãe-bebê, no final da tarde, é também fundamental para avaliarmos a tensão da separação, além do comportamento de apego da criança a ela, visto que, quando ocorre, ela demonstra regozijo e felicidade. Outra ponta de insegurança materna, quando a criança não demonstra satisfação mais explícita diante do reencontro, é perceptível na mãe, como se ela tivesse receio de que aquele momento significativo de separação colocasse em risco o vínculo entre as duas.

Na ausência da figura de apego, é possível dizer que a criança A faz investimentos libidinais nas cuidadoras, lançando mão dos seus padrões de comportamentos, para convocar o contato com o outro (olhando e sorrindo, piscando, mandando beijo, apresentando um brinquedo, seguindo-as), constituindo-se estratégias para amenizar ou minimizar a ansiedade de separação com sua mãe.

Diferentemente dos demais bebês, o bebê A parece lançar mão de estratégias de sedução em sua busca por aplacar o desamparo. Evitando choros ou comportamentos “desagradáveis”, a criança demonstra ser extremamente competente na função de conquistar/seduzir os adultos à sua volta, através da simpatia. Uma de suas mais presentes características é a oferta de sorrisos destinados aos mais variados adultos que a cercam.

De acordo com Bowlby (1982),

Os sorrisos de bebês são as coisas mais poderosas e fascinantes, deixando suas mães enfeitadas e escravizadas. Quem irá duvidar de que o bebê que mais prontamente retribui um sorriso à sua mãe é o mais bem-amado e o mais bem-cuidado? (p. 59).

Ainda de acordo com Bowlby (op. cit.), a capacidade de vincular-se está possivelmente ligada à sobrevivência da espécie, reafirmando a competência do bebê A, no sentido de assegurar seu bem-estar em um ambiente potencialmente ameaçador. Além disso, compreendemos que o funcionamento da personalidade saudável está ligado à capacidade do bebê em reconhecer quais figuras estão dispostas e aptas a proporcionar-lhe uma base segura, bem como o que fazer de maneira a colaborar com essas figuras, de forma a tornar a relação mutuamente gratificante.

O bebê A é ativo em reproduzir com as cuidadoras os padrões de comportamento estabelecidos com a própria mãe, no sentido de fazê-las servir de mediação entre ela e o mundo. Por exemplo: ao retornar do sono, situação em que a criança A se deixa relaxar e se recolher, sempre recorre a qualquer cuidadora, embora tenha algumas preferências, dependendo do momento. É preciso que a cuidadora que a acolhe ao acordar faça (novamente) a mediação da criança com o mundo, bem como é feita pela sua mãe, no momento em que a dupla chega no berçário. Quanto ao brincar, também recorre a uma cuidadora, nem que seja pelo olhar, como se esse contato fosse crucial na sua mediação com os objetos e brinquedos. Assim, tendo a atenção dela, confia e se sente segura no espaço, demonstrando o seu comportamento de exploração do mundo.

Vale a pena ressaltar que o momento da alimentação é por onde perpassam as primeiras modalidades de relação entre mãe e filho, sendo de extrema intimidade, retratando uma troca muito singular entre os envolvidos. Segundo Winnicott (1977), para que a alimentação decorra bem, é necessário que a situação emocional, ou seja, o vínculo afetivo entre a mãe e seu bebê esteja se desenvolvendo de forma satisfatória também. Os bebês, desde o início de suas vidas, apreciam a vivacidade da mãe, ou seja, o prazer com que ela realiza as tarefas relativas a ele. Essas reações dão indício ao infante da existência de um ser humano por trás de tudo que é feito, bem como geram no bebê suas primeiras impressões a respeito de tal atividade.

A forma como a alimentação é proporcionada pela mãe (em casa), e pelas cuidadoras no berçário, é significativamente diferente, por mais bem-intencionadas que sejam as cuidadoras, pois essas possuem diversas ocupações, não sobrando tempo para atenção individual prolongada (WINNICOTT, op. cit.). Em casa, as mães tendem a criar cenários que auxiliam no conforto e bom andamento da alimentação, bem como proporcionam boas interações, permeadas por afetos e tranquilidade, no sentido de fazer o bebê sentir-se amorosamente envolvido na atividade da alimentação, que deve decorrer sem impaciência e tensão.

Dito isso, e levando em consideração a dificuldade do bebê A em se deixar alimentar pelas cuidadoras, esquivando-se do alimento, retirando-se da cadeira, e outras manifestações de protesto, dentre outras razões possíveis, pode-se inferir que esse talvez seja um dos únicos momentos em que ele não permite a presença de um outro que não seja a sua própria mãe. Ao considerarmos a alimentação um momento crucial de encontro com o outro, a não aceitação por parte do bebê de substituições da figura materna pode retratar a singularidade e a especificidade desta relação, demarcando claramente até

onde as figuras subsidiárias podem suprir as necessidades da criança, neste caso, muito mais emocionais do que alimentares.

Criança B

No período da primeira observação, a criança tinha 8 meses e, na última, 10 meses. Já estava na creche há 01 mês, na primeira observação, tendo 7 meses de idade quando entrou na Instituição. É a segunda filha. Segundo relato da mãe, no início, a adaptação da filha foi bem complicada, ela nunca tinha passado por isso antes; o primeiro filho não frequentou berçários, e se sentia bem angustiada e triste, ao deixar a filha lá e vê-la chorando. A mãe precisou deixar a criança no local, por motivos de conciliação com o seu trabalho. Para ela, o apoio da coordenação e dos funcionários da creche foram essenciais para que ela se sentisse segura em deixar sua criança lá, como também na orientação de como agir com a criança, para facilitar a sua adaptação na creche.

O curto período de tempo de frequência da criança B à creche representa ainda um momento crítico no processo de adaptação da díade mãe-bebê a tal rotina. Dentre as crianças observadas, a criança B era a que tinha menos tempo frequentando a creche, estando na Instituição há apenas um mês. Esse bebê encontrava-se na idade de seis meses de vida e, segundo Bowlby (1990), nessa fase os bebês tendem a escolher sua figura de apego, seguindo-as sempre, quando há um afastamento, e se sentem felizes e seguros na presença dessa figura. Nesse período, pode-se identificar também que a criança passa a estranhar a presença de pessoas estranhas, bem como apresenta ansiedade na separação.

A mãe parece ainda bastante mobilizada com a separação, não encontrando recursos para lidar com a situação e nem ajudar a sua filha a vivenciá-la, não conseguindo pôr em palavras a sua partida e nem o seu retorno, alternando a sua saída às escondidas e sob o olhar da criança. Parece, aparentemente, fugir do momento da despedida, tomada pela angústia, tristeza e, talvez, culpa por deixar a filha sob os cuidados de estranhos, acrescido pelo desamparo acionado na criança com a sua partida. Por sua vez, a criança B, parece perceber a pressa da mãe em se separar dela, fazendo com que, provavelmente, aumente o seu desamparo. Será que essa mãe também revive momentos de separação na sua própria história infantil?

Frente a tal falta de mediação, a criança B não se lançava, inicialmente, em explorações do ambiente, recusando, de forma contundente, brinquedos e a participação em brincadeiras propostas, atitude essa que foi, paulatinamente, modificando-se com o andamento do processo de adaptação. Parecia paralisada no brincar, bem como no estabelecimento de contato com as pessoas, permitindo-se ficar, pelo menos no início, colada ao corpo da cuidadora, a qual tomou os cuidados dela para si, não ofertando sorrisos, e com o olhar desafiador e penetrante dirigido aos estranhos.

Os dados obtidos durante a pesquisa não são suficientes para que determinemos o tipo de apego no qual a criança se encontra, porém, dá-se a entender que os comportamentos

da criança B assemelham-se às características do Padrão C de apego descrito por Ainsworth (1978). Segundo a autora, bebês dentro dessa classificação são ansiosamente apegados, sentem-se receosos em explorar o ambiente ao seu redor, necessitando da presença de uma figura de apego por perto. Porém, aos poucos, essa exploração tende a evoluir, mas sempre mantendo contato com alguém por perto.

Durante o seu processo adaptativo, o bebê B não demonstrou nenhum interesse em brincar, o que pode, talvez, indicar a falta de segurança e desconforto sentidos por ele naquele recinto. De acordo com Winnicott (1975), o brincar é importante para que a criança consiga elaborar e externar todo o conflito que está vivenciando, ajudando-a no seu desenvolvimento pessoal, e a lidar com aquilo que está sendo vivido. No caso desse infante, o ato de brincar poderia tê-lo ajudado no processo adaptativo na creche. Como há a falta dessa atividade, a sua adaptação torna-se ainda mais árdua, pois lhe sobram poucos recursos de elaboração do sofrimento.

Muito além do que uma falta de interesse, a criança parecia não ser capaz do relaxamento necessário para se entregar ao brincar; a tensão e insegurança pareciam dominá-la de tal forma que demonstrava estar sempre atenta às ameaças à sua volta. Seu desconforto se manifestava através de choros regulares e muito protesto, diante da aproximação das demais crianças, de novas cuidadoras, ou qualquer tentativa de incluí-la nas brincadeiras. Todo esse cenário era drasticamente alterado com o retorno da mãe; nestes momentos, o bebê demonstrava extremo interesse nas brincadeiras, e esbanjava sorrisos para os adultos ao seu redor. De acordo com Bowlby (1990), é comum que a criança se comporte de maneiras distintas a depender da presença ou ausência da figura materna, sendo essa distinção especialmente acentuada quando a criança se encontra em um ambiente novo ou na presença de pessoas estranhas. Conforme demonstrado nas atitudes do bebê B, a criança se mostra mais confiante e disposta a explorar o ambiente na presença de sua mãe, e mais tímida e aflita em sua ausência.

Além disso, foi observado que ela apresenta um olhar e uma atitude corporal intimidadora, olhando fixamente para o outro estranho, dando a entender o seu desejo de afastamento. Isso pode representar uma forma de comunicação/defesa, onde a criança expressa, da maneira que consegue, o quanto está desconfortável com aquela situação e impede que uma outra pessoa se aproxime.

Frequentemente embalada na rede, ficava em estado constante de sonolência, o que pode se constituir uma defesa para se afastar da situação-ameaça, já que, ao dormir, nos afastamos do mundo, pessoas estranhas e todo o barulho e agitação do ambiente. Parece que as cuidadoras, pelo menos inicialmente, serviram de barreira de estímulos, lançando mão de estratégias, tais como alimentá-la em um local mais reservado, colocando-a na rede, como um lugar de proteção.

Conforme citado anteriormente, é visível a mudança da criança na companhia da mãe, quando, sentindo-se segura, dispõe-se a explorar e manter contato com as pessoas. Parecendo, como foi dito, uma outra criança a partir dessa base confiável familiar. Esse

comportamento da criança B, pode ser embasado por Bowlby (op. cit.), quando o autor relata que o bebê precisa ter a presença de uma figura de apego, sendo essa a sua mãe ou alguém que exerça essa função materna, para que ele se sinta protegido e confortável. Na presença desse vínculo firmado e estável, o bebê sente-se seguro em explorar o mundo ao seu redor, e retorna à figura de apego sempre que necessário. Assim, na presença da figura de apego, a criança consegue ser mais espontânea, tornando-se mais confiante e confortável no ambiente, sendo capaz de realizar explorações e interações com o mundo ao seu redor (BOWLBY, 1990).

Criança C

No período da primeira observação, a criança tinha 1 ano e, na última, 1 ano e dois meses. Já estava na creche há 06 meses na primeira observação, tendo 7 meses de idade quando entrou na Instituição. É filho único. Segundo relato da mãe, a sua ida ao berçário foi o primeiro momento de distanciamento da mãe, sendo isso novidade tanto para a criança, como para sua mãe. Ela relata que a adaptação do bebê foi complicada: ela teve que frequentar a creche por aproximadamente 2 semanas e, mesmo assim, depois desse tempo, a criança ainda sente dificuldade, chorando no momento da separação com a mãe. A criança, devido à sua difícil adaptação, frequentava a creche apenas por poucas horas, no período da manhã, porém, orientada pela equipe de profissionais da creche, a mãe começou a deixá-la durante todo o dia. A genitora, por muitos momentos, pensou em desistir de deixá-la na creche, mas, depois de um mês, viu diferença em seu comportamento, tornando-se mais adaptada, o que a deixou tranquila em deixá-la aos cuidados do berçário. Segundo a mãe, a criança não demonstrou nenhuma diferença no comportamento em casa.

Embora a mãe realize uma diversidade de ações de mediação do bebê com o ambiente, e sinalize paulatinamente a sua partida, parece ficar evidente para ele a dificuldade da própria mãe em se separar dele. Pede para que não chore e o abraça fortemente. Pedido esse bastante ambivalente, visto que, talvez, deseje ver nele tais sinais (choro e protesto), como se, assim, atestasse o quanto o filho também sofre com a partida dela e, consequentemente, o quanto ela é importante para ele. No final da tarde, o reencontro revela o quanto ambos curtem a presença um do outro e a singularidade do laço afetivo entre eles.

Na idade na qual a criança se encontra, já é possível afirmar, segundo Bowlby (1990), que o bebê trata a mãe, ou a pessoa que exerce a figura materna, de forma diferente das outras pessoas ao seu redor. Por identificá-la como sendo a sua figura de apego, a preferência por essa pessoa é demonstrada por meio de sorrisos e vocalizações. A criança C confirma a teoria de Bowlby (1990), ao reconhecer, dentre tantas outras pessoas, a sua figura materna, buscando sua proximidade, demonstrando protesto na sua ausência, como também alegria e prazer no reencontro.

Outro fato importante de ser ressaltado é que a presença de uma mãe e de um ambiente suficientemente bom é essencial para a construção emocional saudável de um bebê

(WINNICOTT, 2006). Caso a mãe não transpareça para o bebê confiança no ambiente no qual ela está apresentando a ele, e não faça uma mediação segura da criança naquele espaço, a criança não se sentirá completamente confortável no novo cenário a que está sendo exposta.

Isso pode dificultar a sua autonomia e exploração, prejudicando a saída de uma total dependência e do contato com novas experiências. Dentre outras possibilidades, pode-se inferir que esta dinâmica vem tomando lugar na relação entre a mãe e a criança C, pois foi observado durante a pesquisa que a mãe demonstra um certo nível de receio no momento da separação do bebê. Talvez isso possa dificultar o processo de adaptação da criança dentro do berçário, deixando-a um pouco mais insegura com o novo ambiente, e com as novas pessoas com as quais está tendo contato.

As brincadeiras preferidas dele refletem o quanto se mostra reservado no contato, bem como sua atitude de observação do que se passa ao redor do ambiente, dentro do cercado que lhe dá continência – provavelmente atitudes de defesa frente à separação da figura de apego. A demonstração de atitudes agressivas, para impedir as frustrações e as intromissões de colegas, também reflete uma atitude defensiva, sem precisar recorrer à intervenção do adulto. Além disso, brincar de se esconder e ser encontrado; jogar e receber bola, construir e destruir construções de blocos retratam tentativas de elaborar simbolicamente a presença e ausência maternas, como no jogo do fort-dá, descrito por Freud (1996).

O brincar é fundamental para o processo de desenvolvimento da criança. É a partir dessa atividade que ela consegue unificar e integrar a sua personalidade, fazer conexão com o mundo exterior, e desenvolver-se no âmbito emocional e das relações com os outros (WINNICOTT, 1977). Foi observado que a criança C, durante a sua estadia no berçário, passa a maior parte do tempo brincando. Isso pode representar uma forma saudável de expressão, como também de tentativa de elaborar o que está acontecendo de novo com ela, fazendo parte do seu período adaptativo.

A alimentação é aceita integralmente, com avidez, sem solicitar, nesse momento, um contato mais singular e íntimo com a cuidadora que o alimenta. A criança é uma das poucas que consegue comer sem reclamar, e aceitando toda a comida a ela fornecida, muitas vezes querendo comer ainda mais. Isso pode indicar um certo sofrimento caracterizado pela utilização da alimentação como uma estratégia, para, de alguma forma, preencher-se ou completar-se em seu estado de falta. No sono, também não solicita o contato com a cuidadora, indo sozinha dormir.

O que pode significar essa falta de preferência por uma ou algumas cuidadoras? Ou melhor, o que pode significar essa não demanda de cuidado de uma cuidadora em momentos tão importantes como alimentação e se recolher para dormir? Dentre outras explicações, podemos inferir uma possível defesa, por parte do infante, que, sensível à insegurança de sua mãe, busca, inconscientemente, manter um certo afastamento com outras possíveis figuras de apego, em um movimento de supervalorização da relação da díade. Dessa forma, é como se a fragilidade de sua mãe não o liberasse para novos vínculos, e fosse formado uma espécie de pacto que garante a preservação do espaço especial da relação.

Considerações finais

A partir dos dados obtidos, é possível concluir que o processo de ingresso do bebê na creche é uma fase adaptativa difícil, tanto para ele como também para a sua mãe. O retorno da mãe para o seu ambiente de trabalho inicia um processo de separação mãe-filho e, onde antes existia uma relação de total dedicação, de simbiose e de parceria mãe-bebê, agora há a entrada de outros, estranhos, bem como de um novo ambiente, que pode ser ameaçador, não só para o bebê, mas também para a mãe.

O que acontece é a sensação de total insegurança e desconforto pela criança nesse novo ambiente, e no contato com pessoas completamente desconhecidas a ela, tornando os momentos iniciais no berçário permeados por estranhamento, apreensão e angústia, e todos esses sentimentos podem ser amenizados ou acentuados, dependendo da mediação feita pela mãe e do novo cuidador, nesse novo ambiente externo, no período adaptativo.

Esses processos adaptativos, bem como as estratégias adotadas pelos bebês, durante esse período, são diversificados, a depender do tipo de relação estabelecida entre a criança e sua figura de apego. Caso haja uma relação de apego seguro entre a criança e sua figura materna, o processo adaptativo poderá ser um pouco mais fácil, já que, teoricamente, a criança tende a conseguir se relacionar melhor com o ambiente e as pessoas ao seu redor.

Já nos casos de relações de apego ansiosos (esquivos e resistentes), o processo adaptativo tende a ser mais difícil, pois usualmente as crianças, fruto desse tipo de relação, apresentam uma maior dificuldade em se integrar ao novo ambiente, necessitando, em alguns casos, da presença de uma figura de apego temporária, durante o período na creche, no caso, as cuidadoras, que assumem um papel de acolhedoras, substituindo a função materna.

Sobre a metodologia aplicada, vale ressaltar a dificuldade em se fazer uma pesquisa desse tipo dentro da realidade de uma creche pública municipal na cidade do Recife. Devido à quantidade de crianças e à sobrecarga das cuidadoras, não foi possível o estabelecimento de um distanciamento das pesquisadoras em relação aos bebês, pois eram frequentemente requisitadas a ajudar nas atividades diárias dos infantes, exigindo-lhes o seu envolvimento.

Além disso, para o melhor desenvolvimento das entrevistas com as mães, seria necessária a disponibilização de uma sala isolada para tal atividade, o que também não foi possível. As entrevistas foram realizadas na área comum da creche, com outras pessoas por perto, o que descaracteriza o caráter clínico do método, e diminui as possibilidades de uma análise mais minuciosa das configurações das relações de apego estabelecidas entre a díade.

Finalmente, depois da realização da pesquisa, ficou ainda mais clara a importância de projetos práticos como esse, a respeito da temática do processo adaptativo dos bebês, no início da sua estadia na creche, com o objetivo de gerar uma maior reflexão sobre os efeitos no seu desenvolvimento. Com isso, pretende-se não apenas amenizar a angústia da díade mãe-bebê,

mas também sensibilizar os profissionais envolvidos no trabalho com a primeira infância para os sinais e expressões de possíveis sofrimentos psíquicos vivenciados pela dupla.

Referências

- AINSWORTH, M. D. S. The development of infant-mother interaction among the Ganda. *In: FOSS, B. M. (Ed.), Determinants of infant behavior*. New York: Wiley, 1963. p. 67-104.
- _____. **Infancy in Uganda: infant care and the growth of love**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1967.
- AINSWORTH, M.D. *et al.* **Patterns of attachment: assessed in the strange situation and at home**. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1978.
- AULAGNIER, P. Diálogos com Pierra Aulagnier. *In: HOSTEIN, L. (Org.) Cuerpo, historia, interpretación: piera Aulagnier: de lo originário al proyecto indentificatorio*. Buenos Aires: Paidós, 1994. p. 360-379.
- BOWLBY, John. **Formação e rompimento de vínculos afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982
- _____, **Apego: a natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____, **Separação: angústia e raiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CATALDI, M. C. C. Modificações sociais e participação da mulher no mercado de trabalho. *In: GAYOTTO, M. L. C. (Org.) Creches: desafios e contradições da criação da criança pequena*. São Paulo: Ícone, 1992.
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud)
- GURGEL, Karina Machado Rocha. **A relação mãe-bebê e a adaptação a um berçário: suas influências mútuas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- HEINICKE, Christoph M.; WESTHEIMER, Ilse. **Brief separations**. Madison, CT: Unversity Press, 1966.
- LEBOVICI, Serge. **O conhecimento da criança pela psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de *et al.* **Creches, faz de conta & cia**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- RAPOPORT, A.; Piccinini C.A. Ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 81-95, 2001.
- SCHAFFER, H. Rudolph; EMERSON, Peggy E. The development of social attachments in infancy. **Monographs of the society for research in child development**, 1964.
- SENADO FEDERAL-subsecretaria de edições técnicas, 2007. **Revista de Informações Legislativas**. Brasília: Secretaria Especial de Editorações e Publicações, 2007.
- TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Psico**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, 2007.
- VILLACHAN - LYRA, Pompéia. **Relação de apego mãe-criança: um olhar dinâmico e histórico-relacional**. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre o desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **Os bebês e suas mães**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Recebido em: 14.03.2018

Aprovado em: 07.04.2018

Para referenciar este texto:

BRANDÃO, Júlia Perrusi Alves; ARAÚJO, Mona Lisa Veríssimo Silva de; ANDRADE, Fernanda Wanderley Correia de. Ingresso da criança no berçário: o processo adaptativo da díade mãe-bebê. **Lumen**, Recife, v. 27, n. 2, p. 35-53, jul./dez. 2018.